

A EXIGÊNCIA DA POESIA

Rita Barbosa de OLIVEIRA¹

Alguns temas orientam a lírica de Sophia de Mello Breyner Andresen desde sua primeira publicação, *Poesia*, relacionam-se com o texto “Poesia e revolução”, parte dos escritos de 1975 e incluído em *O nome das coisas* da edição de 1977 pela Editora Moraes. O processo metalinguístico dá lugar à reflexão sobre a arte da palavra, o ato poético e o papel do artista diante do mundo, combinado à importância dada ao espaço e o tempo para problematizar o mundo cotidiano e até mesmo propor a necessidade de se viver com a consciência atenta. Nesse universo lírico, a desconstrução de pseudoverdades acontece de modo a mostrar que a ação revolucionária faz parte do caráter da poesia, fazendo lembrar a frase de Sophia de que a poesia implica.

O primeiro livro de Sophia de Mello Breyner Andresen, *Poesia*, veio a público em 1944, sendo uma seleção de textos escritos desde os 16 até os 25 anos, como escrevem seus biógrafos e ela própria. Nele verifica-se a vivência da escritora com as tradições escrita e oral, grega e peninsular, por meio dos temas do mar e da mitologia pagã e cristã. A natureza predomina, portanto, nesse primeiro livro e constitui-se a marca da literatura sophiana até seu último livro, *O búzio de Cós*, de 1997. Como entender a presença da natureza numa obra produzida no século vinte, considerando que os temas são recorrentes desde a origem da poesia?

Em uma leitura inicial observamos o predomínio da antinomia entre os olhares lançados para o meio urbano e o da natureza marinha, em cujo primeiro espaço se concentra a vida do homem ocidental orientada por convenções que estabelecem a divisão e determinada racionalidade. No espaço e tempo da natureza, é recuperado um mundo antigo expresso por uma ordem cósmica, ou seja, em que o homem tem consciência de sua identificação com os elementos da natureza, tornando possível a existência de uma realidade oposta àquela sistematizada pela vida nas cidades do Ocidente no século XX. Vale ressaltar que, na mitologia da Antiguidade, se a ordem

¹ Doutora em Letras - Literatura Portuguesa pela PUC-Rio. Professora adjunta do Departamento de Língua e Literatura Portuguesa e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, atuando com ênfase em Literatura Portuguesa. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP.

fosse rompida, cobrava-se a punição dos infratores para que ela fosse restabelecida. Portanto, na natureza está imprimido o contraponto ao caos instaurado por meio de certa visão de mundo.

Um segundo aspecto expresso na natureza da lírica sophiana é busca de religação do presente ao passado que, longe de significar saudosismo, remete, como também no caso da antinomia do espaço anteriormente tratado, à necessidade de estabelecer a harmonia das coisas. Nesse sentido, o centro urbano é marcado pela falta de liberdade, pela morte e solidão, numa espécie de espaço e tempo mutilante, contra o qual a natureza é apresentada como outra verdade na qual é possível viver segundo a justa regra. Por outro lado, se o presente é o espaço e o tempo da negação, é nele que acontece a descoberta do instante que mostra a vida como resultado do poder de agir sobre o mundo. Religar o presente ao passado adquire a força de tornar cada instante de descoberta uma possibilidade de construir a harmonia responsável pela existência de alguém consciente de seu lugar e época e que emprega o saber para problematizar e elaborar sob novos parâmetros o modo de viver no mundo. Helena Conceição Langrouva destaca, no livro *Dia do mar*, a existência da catábase, processo pelo qual é inventada uma viagem ao fundo do mar para depois retornar transformada, retorno que a mesma ensaísta chama de anábase (2004, p. 1-16). Também no livro *Poesia* verificamos processo análogo que aparece ampliado da imagem do fundo do mar para a viagem que o sujeito do poema faz por lugares como jardins, praias, casas, ruínas e cidades. A autora destaca, no processo, a mistura entre o vivido e o que pode ser experimentado para o homem buscar o equilíbrio, numa espécie de viagem ao mundo interior. Observa-se, portanto, que o espaço e o tempo são inseparáveis na lírica sophiana, problematizando presente e passado, instante e temporalidade, construção e desconstrução, enfim o processo de ação no mundo.

Um terceiro elemento da natureza corresponde ao simulacro do drama da vida constante das narrativas míticas que condenam personagens ao suplício. Neles, sempre permanece algo que os agita e ao mesmo tempo os faz perceber que “todo o nosso tumulto é menos forte/ do que o eterno perfil de uma montanha” (Andresen, “Céu, terra, eternidade”, 2003, p. 38). Há, dessa maneira, a negação do caos para possibilitar a criação de outra realidade. Quando discorre sobre a crítica cultural dos intelectuais

contemporâneos, Augusto Santos Silva aponta um poema de Sophia para afirmar que a crítica ocorre como interpelação do sentido das coisas,

capaz de mobilizar os diversos códigos que podem iluminar o sentido. É um investimento na argumentação, comunicar e trocar interpretações, nenhuma delas total, por isso enriquecível e enriquecedora pela confrontação pública (Apud Margato & Gomes, 2004, p. 50).

Para o autor, só a arte ocupa esse lugar crítico de construção e desconstrução de conjunturas. Por isso, a arte produz não mais a representação da imagem, mas a sua simulação. Em outras palavras, cria um real que não se baseia na realidade, o qual é chamado de hiper-real.

Um quarto elemento predominante na obra sophiana, e interrelacionado aos aqui mencionados, consiste na problematização da cultura, no sentido de possibilitar a reflexão quanto às amarras a que se impõe o próprio homem. O sujeito do poema liberta-se do imediatismo da cultura por meio das descobertas que realiza no seio da natureza. Não importa se ao meio-dia ou à noite, no jardim ou numa praia, a identificação acontece não mais como a verdade, mas como os diversos modos de olhar a realidade: “Mas dessa fabulosa descoberta/ Só me vem o terror e a mágoa/ De me sentir sem forma, vaga e incerta/ Como a água” (Andresen, 2003, p. 12). A descoberta não se dá sem o choque decorrente da mistura com as idéias consolidadas. E ela pode acontecer até por meio da repetição de um vício que se expressa como contestação: “No ponto onde o silêncio e a solidão/ Se cruzam com a noite e com o frio,/ Esperei como quem espera em vão,/ Tão nítido e preciso era o vazio” (Andresen, 2003, p. 62).

Desse modo, a obra de Sophia respalda-se na problematização de determinada verdade institucionalizada a que se impõem outras verdades como invenção poética. A propósito, vale ressaltar a conversa entre a escritora e Eduardo Prado Coelho sobre o que a ela interessa no romance: a invenção, pois “a verdade não está pronta quando não se inventa nada” (ANDRESEN apud COELHO, 2004, p. 11). A natureza em Sophia constitui-se de uma invenção ou reinvenção - ou simulacro, como se escreveu antes – que põe em evidência um excesso ou uma falta que são sentidos, mas não percebidos.

O poema de abertura do livro *Poesia* traz algumas imagens que orientam a lírica de Sophia: sonho, renascimento e mãos, lembrando-nos fluidez e ação que se faz, desfaz e refaz, como registrou João Cabral de Mello Neto no poema a ela dedicado.

Uma das preocupações do artista da palavra concentra-se sobre o ato poético, qual o significado da linguagem e a relação com os três termos elencados acima. Nessa lírica, a procura da palavra exata baseia-se na tentativa de apontar a existência das coisas num momento anterior ao da sua nomeação, instante sobre o qual ela ainda não sofreu a contaminação do convencional e em que o sujeito pode descobrir diferentes sentidos. O poema corresponde à expressão desse ato como num ritual iniciático. Daí decorre certa gravidade e o sentimento de sagrado que a leitura dos textos de Sophia desperta. Ora pelo excesso da claridade, ora pelo medo das sombras da noite, o ritual reporta a uma nova união e ao reencontro com algo que já era sabido, mas estava obscurecido na memória. Por outro lado, a tensão que o poema instaura permite a dessacralização de partes da cultura, como na imagem da contestação da atitude narcisista de quem apenas se admira ao espelho, atitude contra a qual é exigido atravessar o espelho. Aliás, o verbo atravessar predomina na ação de redescoberta do mundo desde a publicação de 1944. Essa tensão do reencontro simula uma luta corporal, em que nada se dá a conhecer, tudo precisa ser conquistado, inclusive o poder de manifestar o desejo de fazer a reconquista do mundo.

No trabalho com a palavra, é transmitida a idéia de que o poema é escrito como a narração de um sonho, sem que nada precise ser mudado, na aparente naturalidade da ausência de rimas e na irregularidade das estrofes. Isso remete à ideia dos surrealistas de que o sonho é a expressão do inconsciente e que este possui outra lógica. As imagens fantásticas simulam a construção de outro modo de apresentar o mundo. Para desconstruir a convenção que impõe verdade única e incontestável, o sonho propõe imagens de verdades que mudam sempre: a noite ora é o aniquilamento e a impossibilidade de transformação, ora é sua plena possibilidade; ora a plenitude é única, ora é múltipla. Esses diferentes modos de considerar as verdades mantêm estreita relação com a afirmação de Maurice Blanchot quanto ao caráter do intelectual, alguém cujas idéias e ações estão em permanente mudança, de acordo com a observação do mundo (2000, p. 12). Ele também afirma haver uma perspectiva que mantém o intelectual atento para o real, fazendo-o se afastar ou se aproximar de determinada questão. Em **Poesia**, há o jogo de aproximação e afastamento do objeto problematizado, de modo que o sujeito do poema inventa olhar esse objeto juntamente com os outros que o lêem ou ouvem, fazendo com que eles entrem naquele mundo da fantasia. Ainda

segundo Blanchot, desse modo o homem contesta questões tidas como universais e dispensa a razão do mundo ou o mundo da razão (idem, p. 15). Seguindo a linha de pensamento semelhante à desse filósofo, entendemos que a lírica de Sophia desestabiliza conceitos.

Algumas idéias de Ricardo Piglia sobre o tratamento da verdade no âmbito da literatura convergem para a configuração do sujeito no livro *Poesia*. Para ele, é difícil ser artista sem ser crítico, embora a literatura levante a questão da verdade para elaborar um discurso que não se pretende verdadeiro nem falso, enquanto a crítica tenta tornar sua escrita a portadora da verdade (1986, p. 11-13). Na obra de Sophia, a verdade é problematizada por meio de olhares diferentes do sujeito sobre o mesmo objeto. Outro aspecto desenvolvido por Piglia é o conceito de “viver em outra língua”, atribuído aos estilos dos escritores Robert Arlt e Gombrowicz (1986, p. 37). Toma-se a expressão criada por Piglia para afirmar que a predominância do motivo da natureza simula o sentimento do exílio diante da situação sociopolítica de Portugal, a contestação da realidade convencionalizada pelo homem ocidental, bem como a procura de criar um estilo de escrita do poema que se distancie do academismo. Em entrevista concedida a Eduardo Prado Coelho, Sophia comenta sobre o perigo de escrever movido pela moda. Na ocasião, ela afirma que se repete no tema da natureza, discorre sobre a importância da palavra, da dificuldade de teorizar sobre poesia e sobre sua identificação com poetas que consideram o poema consubstancial à vida, tais como Jorge de Sena, Rui Cinatti e José Ribeira. Essa reflexão de Sophia confirma que seu estilo corresponde à procura de uma nova linguagem de que a natureza é o simulacro.

Já podemos perguntar que elementos ligam o livro *Poesia* ao texto “Poesia e Revolução”, tendo sido o primeiro escrito durante a ditadura salazarista e o segundo um ano após a Revolução dos Cravos. Quanto ao primeiro texto, vale ressaltar que dois fatores são responsáveis pela linguagem cifrada: a contestação de certos estigmas que caracterizavam a cultura portuguesa e a censura que dominava o país àquela altura. Enquanto no primeiro texto o tema é apresentado por um objeto literário, no segundo o tema consta de um discurso para o I Congresso de Escritores Portugueses. No segundo texto, Sophia discorre sobre os fundamentos revolucionários da poesia, estabelecendo diálogo com Heráclito e com culturas de tradição oral, como a malinké, a respeito do poder transformador da palavra. O texto é situado no tempo e no espaço – o lugar onde

foi lido e o momento em que foi preparado – demonstrando que esses dois fatores são também determinantes para a feitura do poema. Desse modo, na materialidade do poema – como processo metalingüístico do fazer poético e de reflexão sobre determinada conjuntura sociopolítica e econômica - Sophia Andresen considera a relação entre poesia e revolução. Para ela, não é necessário que o poema contenha as propostas de um movimento revolucionário, porque o ato poético implica a revolução. Em decorrência do caráter da poesia, o poeta é um agente de revolução e, neste sentido, para Sophia, a inteireza do mundo atrai o poeta para a sua contemporaneidade, espaço e tempo em que o homem sofre o rompimento do elo com a liberdade que o tornaria pleno. O poeta reata a aliança do homem com a liberdade no círculo de seu poema, extrapolando o espaço e o tempo do objeto poético para a vida cotidiana.

Que aspectos sobre o fazer poético do texto de 1975 já estão presentes na primeira publicação de Sophia, de 1944, e qual sua relação com determinados momentos políticos por que passava Portugal? Desde antes do nascimento de Sophia, em 1991, Portugal enfrenta uma situação política caracterizada por Fernando Rosas como a etapa da gorada tentativa republicana da regeneração democrática do sistema (1910 a 1926), intercurso de grande instabilidade: “De 5 de outubro de 1910 a 28 de maio de 1926, a I República conhecerá 45 governos e 29 intencionadas revolucionárias” (Rosas, 2004, p. 8-44). Durante a infância de Sophia acontece o golpe militar de 1926 que marca o início da formação das correntes que irão respaldar o governo de Salazar. A escritora publica seu primeiro livro em 1944, deixando entrever em alguns de seus poemas referências à situação política de Portugal. Dentre eles, destaca-se o poema de abertura do livro, cujas imagens negativas e estáticas são suplantadas por outras de ação, mesmo que ainda em sonhos. Afinal, na lírica sophiana a ação está inteiramente ligada ao sonho no sentido de que este age sobre o mundo exterior, isto é, sobre os fatos e sobre os homens. Por outro lado, a força transformadora da poesia não obriga a saída do poeta do seu campo de ação para o de revolucionário na esfera político partidária, pois o fazer poético já se constitui em um ato libertador. Em poemas como “Cidade” (Andresen, 2003, p. 22), destacamos a atmosfera de opressão mostrada por um sujeito que tanto reflete a cidade como o espaço e o tempo que cerceiam a liberdade como contrapõe à cidade a natureza como possibilidade de religamento da sintonia. Ele tem consciência de que a realidade existe além daquele estado que oprime e revela sua

condição no mundo. Nesta reflexão observamos o desejo de procurar se construir de outro modo, fora dos muros da cidade. Outro poema, “Cidade suja” (Andresen, 2003, p. 24), reitera a negatividade experimentada pelo sujeito: produto da intervenção do homem, a cidade é descrita como algo fragmentado, assustador e que ao mesmo tempo desperta o dó. A imagem da noite – que, na lírica de Sophia, possui o sentido de harmonia entre o homem e o universo e que marca o espaço e o tempo da descoberta dessa possibilidade de reintegração – mostra-se inerte: a noite não age sobre o mundo dividido, tal é o choque do sujeito diante do que vivencia, do horror perante as perseguições que vitimam as pessoas. Por outro lado, há cidades onde a vida é sentida com plenitude, mas não “neste país”, como se lê em “Há cidades acesas” (Andresen, 2003, p. 58), em que o sujeito procura olhar o real como modo de se libertar e a solução é partir para que a procura recomece.

No livro *Poesia* há ainda a problematização do visionarismo do Bandarra e de Vieira e que também dialoga com Fernando Pessoa quanto à necessidade de superar tal expectativa e considerar o mundo sob outra referência, como em “O vidente” (Andresen, 2003, p. 67-68): nele, há mais que a certeza do não-cumprimento da profecia do sebastianismo, há a lacuna deixada por essa espera e que constata a apatia que impede os sujeitos, no coletivo, de decidirem sobre o caminho a seguir. Por isso, o poeta-vidente reescreve a profecia com o cuidado de situá-la no passado. O único presente no poema denuncia a falha do suposto mito – “E ei-lo caído à beira do caminho”. Desse modo, a pseudoverdade é desmontada para revelar a sua frágil aparência. E a palavra usada para o criar é agora reempregada ou reescrita para o destruir e soltar os sujeitos do poema da amarra de uma convenção. Juntamente com a destruição da narrativa sebastianista fica implícita a desmontagem da concepção de raça e de pátria dos sujeitos do poema. O espanto diante do nada instaura o primeiro passo para construir outra noção que supera a de identidade nacional – “Como iremos além da encruzilhada / Onde os seus olhos de astro se quebraram?” Faz-se uma ressalva para citar Fernando Rosas quanto ao sentimento de decadência e a crise da identidade que marcam a transição do século XIX para o XX e que em Portugal levam a discussões sobre a necessidade de recuperar o esplendor, dentre as quais ele destaca três campos: do republicanismo que visa à regeneração democratizante e moralizadora do sistema liberal; da direita autoritária e antiliberal em cujo discurso consta o nacionalismo orgânico e corporativo e

no seio da qual há uma ideologia de regresso ao Antigo Regime; e da revolução social (Rosas, 2004, p. 25-27). Destaca-se, no segundo desses campos, a corrente do Integralismo Lusitano, cujo caráter conservador estimula a continuidade de atitudes que impedem Portugal de redimensionar sua vida sociopolítica e econômica, como o sebastianismo, e deixa o homem português na passividade da espera. Retornando ao poema “O vidente”, nele Sophia representa um estado limitador do sujeito, quando o elo do mundo se mostra quebrado. A pergunta dos dois versos finais, porém, indica a procura de ultrapassar esse limite.

Em outro texto lido no dia da entrega do Grande Prêmio de Poesia, em 1964, pela publicação do *Livro sexto*, ocorrida em 1962, a escritora já havia apresentado algumas idéias sobre arte e poesia - tais como a de que o artista se baseia em uma moral e uma justiça que orienta sua maneira de considerar o mundo, de escrever poesia, que influencia a formação de uma consciência comum, num período em que a justiça ainda estava dominada pelos salazaristas – no qual assume o discurso poético e ao mesmo tempo político. Para finalizar, ressalta-se o termo “o poeta”, que se inclui no pensamento de Sophia de que a arte existe anteriormente à convenção, em que o homem não separa as coisas por classes ou gêneros. O poeta é o homem que olha, escuta e cisma diante do mundo. Sophia é o poeta, como ela escreve em “Poesia e revolução”.

Entendemos, portanto, que os dois textos em discussão e que marcam momentos da escrita sophiana, o da publicação de *Poesia* e o de 10 de maio de 1975, significam a preocupação do poeta com o homem em seu espaço e tempo, o qual está completamente entrelaçado a outros espaços e tempos. O primeiro texto, o livro *Poesia*, constitui-se de contestações elaboradas em germe ou como simulacro do que se escreve de modo desenvolvido e pontual no segundo texto. Termina-se a discussão com a frase de Eduardo Lourenço que chama “poesia de precoce e hoje madura sabedoria a de Sophia”, para caracterizar a obra de um poeta que decidiu exercer ação crítica tanto na vida quanto na arte.

REFERÊNCIAS

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Poesia**. Lisboa: Caminho, 2003.
_____. “Poesia e revolução”. In: **O nome das coisas**.
Lisboa: Moraes, 1977.
- BLANCHOT, Maurice. **Les intellectuels em question**. Tours: Farrago, 2000.
- COELHO, Eduardo Prado. **Uma personalidade, um tempo, uma obra**. www.instituto-camoes.pt/escritores/sophia/sophiaepc.htm. Acessado em 18/03/2004.
- LANGROUVA, Helena Conceição. **Mar-poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen: Poética do espaço e da viagem – II**. www.triplov.com/sophia/helena2.html. Acessado em 08/02/2004.
- LOURENÇO, Eduardo. **Para um retrato de Sophia**. In: Andresen, Sophia de Mello Breyner. **Antologia**. 4 ed. Lisboa: Moraes, 1978.
- PIGLIA, Ricardo. **Crítica y ficción**. Buenos Aires: Planeta/Seix Barral, 1986.
- ROSAS, Fernando. **Pensamento e ação política**. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.
- SILVA, Augusto Santos. “Podemos dispensar os intelectuais?” In: Margato, Izabel & Renato Cordeiro Gomes (org.). **O papel do intelectual hoje**. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 39 a 67.